



Organizando a memória da imprensa brasileira

Ana Claudia Braun Endo*

MELO, José Marques de. **Imprensa brasileira**: personagens que fizeram história. v. 2. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo/Imprensa Oficial, 2005.

La vida no es la que uno vivió, sino la que uno recuerda y cómo la recuerda para contarla.

Gabriel García Márquez

Uma publicação primorosa, com rico conteúdo biográfico de personagens que marcaram a história da imprensa brasileira. Um resgate da memória da imprensa nacional, refletido em um *layout* que faz jus ao conteúdo. Assim é o volume dois do livro *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*, organizado por José Marques de Melo, catedrático Unesco/Umesp, e publicado em convênio entre a Umesp e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Ao lançar o segundo volume, o professor Marques de Melo pretende “completar o inventário desencadeado há um século” pelo historiador pernambucano Alfredo de Carvalho que, em 1908, em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, inspirou uma empreitada semelhante, ao iniciar inventário, com base na história dos jornais e revistas publicados no país. Seis livros estão prometidos para a série, idealizada pela Rede Alfredo de Carvalho, que reúne pesquisadores brasileiros em torno do tema.

Os perfis biográficos ora publicados reúnem as histórias de 18 jornalistas expoentes: Libero Badaró, Samuel Wainer, Trajano Coelho Neto, Edmar Morel, Carlos Lacerda, Odylo Costa Filho, Otto Lara Resende, João Calmon, Luiz Beltrão, Mário Erbolato, Juarez

* Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Gerente de Comunicação, Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: ana.endo@metodista.br





Bahia, Alberto André, Herbert Levy, Monteiro Lobato, Arnon de Mello, Vitorino Prata Castelo Branco, Amaral Raposo e Landele de Moura. Escrever a história desses personagens é recontar parte da historiografia da imprensa brasileira, os seus mandos e desmandos políticos, os seus desdobramentos socioeconômicos, demonstrando a ousadia de profissionais que desafiaram autoridades, decisões e tratados, em razão da crença na liberdade de expressão.

As suas vidas, resenhadas por pesquisadores de diferentes partes do Brasil, expõem um mosaico cultural enriquecedor, traçado pela diversidade, mas cujo ponto de intersecção focaliza o interesse em disseminar a divulgação científica e, paralelamente, criar novos meios para a preservação da memória nacional. Assim, é possível saber que a instituição da Imprensa Régia, assinada por dom João VI, em 13 de maio de 1808, nasceu já cerceando a liberdade de imprensa.

Ao traçar o perfil biográfico do médico italiano Libero Badaró, no jornal *Observador Constitucional*, o professor Marques de Melo expõe, de forma concisa, a nobreza de um profissional que ousou criticar a realeza imperial. Em tempos em que a liberdade de expressão descrita nos papéis limitava o assunto a ser discutido, o autor explicita, com precisão, a ousadia do primeiro mártir do jornalismo brasileiro, em 1830.

Aliás, *ousadia* parece ser a linha condutora dos perfis biográficos aqui traçados:

- na década de 1950, a coragem do judeu pobre, Samuel Wainer, na revista *Diretrizes*, durante o Estado Novo, ou a sua audácia, a ser o primeiro jornalista a entrevistar Getúlio Vargas, além de criar o jornal *Última Hora*;
- também na década de 1950, o destemor do maranhense Trajano Coelho Neto e o movimento Pró-criação do Tocantins, como estado independente, cuja história é devidamente valorizada pelo jornalismo regional;
- a ousadia de Edmar Morel, ao lutar contra os movimentos fascistas, nas décadas de 1930 e 1940, e a força dos movimentos nacionalistas, nas décadas de 1940 e 1950, até a sua cassação, em 1964.





- do carioca Carlos Lacerda, a galhardia no combate à ditadura Vargas e a paixão pela política, que o conduziu ao posto de governador do estado da Guanabara;
- do maranhense Odylo Costa Filho, arrojo similar no combate à censura do Estado Novo, a sua preferência por polêmicas e debates, e a sua participação na criação da revista *Veja*;
- a ousadia de seu amigo Otto Lara Resende, na arte cristã de conciliar o “*inconciliável*”;
- do capixaba João Calmon, a audácia que o levou a dirigir um império como o de Chateaubriand, transformando-se em senador pelo estado do Espírito Santo;
- a coragem do pernambucano Luiz Beltrão, idealizador da primeira revista e do primeiro centro de pesquisa acadêmico em Comunicação Social do país, primeiro doutor brasileiro em Comunicação e criador do termo folkcomunicação;
- de Mário Erbolato, o destemor com que defendeu os direitos do homem;
- Juarez Bahia, que dentre outras coisas, venceu o preconceito racial;
- a ousadia da mudança de Alberto André, que passou a defender a ética no jornalismo e a liberdade de imprensa, depois de exercer atividades como censor em jornais nacionais;
- Hebert Levy, ao criar o jornalismo especializado em economia e negócios – a *Gazeta Mercantil*;
- do editor Monteiro Lobato, que perdeu a sua fortuna, pelo menos duas vezes e, depois de muito escrever para adultos, aventurou-se pelo universo infantil, alcançando o sucesso;
- Arnon de Mello, que, em campanha eleitoral, recorreu aos gibis para contar a sua própria história, transformando-se de candidato em herói;
- Vitorino Castelo Branco, criador do primeiro curso livre de jornalismo, no Brasil;
- do maranhense Amaral Raposo, um apaixonado pela gramática;
- e, enfim, Landell de Moura, o brasileiro que inventou a radiodifusão.





Embora os textos tenham sido publicados, em primeira mão, pela revista *Imprensa*, entre junho de 2000 e outubro de 2003, a sua divulgação mais ampla sob o formato de livro justifica-se, haja vista que cada personagem contribuiu, à sua maneira, com ousadia e destemor, para marcar e transformar a história. Para apreendê-la, nada melhor do que “devorar” *Imprensa brasileira: personagens que fizeram história*.

